



# tijolo de prata

rommulo vieira conceição

preview

# tijolo de prata

rommulo vieira conceição

curadoria de roberto conduru

**31 AGO - 14 OUT 2023**

---

brick of silver

curated by roberto conduru

aug 31 - oct 14 2023

Na obra que vem criando há 25 anos, Rommulo Vieira Conceição dialoga com ideias do geógrafo Henri Lefebvre e do historiador Michel de Certeau. Em *La Production de l'Espace*, de 1974, Lefebvre teoriza sobre como o espaço é produzido socialmente, cabendo às pessoas resistirem à sua reificação e configurarem ambientes próprios aos seus modos de vida. *L'Invention du Quotidien, 1. Arts de Faire*, livro publicado seis anos depois por Certeau, foca exatamente nas dinâmicas espaciais que as pessoas deflagram com suas práticas culturais, transformando cotidianamente os lugares instituídos. Mais do que pensar como as pessoas reconfiguram os lugares em que vivem ao lidarem com as coisas que encontram e inventando artefatos, Vieira Conceição se insurge artisticamente contra as limitações impostas pelo ambiente socialmente institucionalizado.

De grande amplitude, sua reflexão mobiliza montanhas, matas, mares e nuvens, além de estradas e cidades, espaços domésticos e de trabalho, cinemas, mercados, estações ferroviárias e parques infantis, e ainda objetos os mais variados, presentes no mundo à sua volta ou em contextos bem distantes, tanto geográfica quanto historicamente. Também articula princípios, procedimentos e precedentes da arte, ciência e outras esferas sociais. Um processo que gera obras com inusitadas configurações objetais, sejam singulares peças gráficas que oscilam entre o desenho e a fotografia, sejam artefatos e instalações assumidamente disfuncionais.

Não foi estranho, portanto, um tijolo ganhar proeminência em certo momento do processo de produção desta exposição. Ele tornou-se mais que necessário, passou a ser indispensável, urgente, precisando ser materializado. Peça chave de uma obra, *O espaço pode ser silêncio e pausa*, de 2023, e dessa mostra, que a partir dele é nomeada, este tijolo é um indício do trabalho de Vieira Conceição.

O tijolo cerâmico é uma categoria quase universal, sendo usado há milênios em diferentes sociedades humanas. No Brasil, o tijolo cerâmico de seis furos – tipo usado pelo artista – é um elemento comum na construção civil, presente que esteve e está nos mais diversos edifícios país afora. Embora seja largamente difundido, seu significado e valor variam socialmente em relação a sua visibilidade. O tijolo de seis furos vale quase nada onde é útil, porém praticamente invisível, quase sempre oculto em edifícios que exibem materiais, entre outros elementos, que ajudam a situar quem ali vive no topo da hierarquia social. Simetricamente, este tijolo é um indício da desvalorização social dos edifícios e ambientes onde sua visibilidade é ostensiva, como nas margens e periferias das cidades brasileiras; menosprezo inerente ao processo de subalternização de quem as habita. Contudo, como todo artefato histórico, o tijolo cerâmico tem passado e presente, mas está aberto ao futuro. Estruturante, forte, íntegro e polivalente, capaz de servir à (re)configuração do ambiente da vida, o tijolo guarda em si a possibilidade da mudança social.

O tijolo não é de todo excepcional no trabalho de Vieira Conceição, que também tem pensado as tensões entre espaço e lugar a partir da arquitetura, explorando elementos com funções construtivas, ornamentais e simbólicas. Além de *O*

espaço pode ser silêncio e pausa, veja-se, à guisa de exemplo, a série *Através, cuidadosamente*, de 2009-2012, *Em suspensão*, de 2019, e *O espaço físico* pode ser um lugar abstrato, complexo e em construção, instalado no Instituto Inhotim em 2021. De qualquer modo, embora seja corriqueiro no mundo, o tijolo de seis furos é insólito na arte (se algo ainda consegue ser impróprio à esfera artística...). Sobretudo porque Vieira Conceição não se vale de um tijolo usual. Seu tijolo é de prata. Como estamos no campo da arte, com suas verossímeis ficções visando à verdade, interessa menos o valor intrínseco deste metal, que é simulado, e mais o que ele significa, seu valor sociocultural. Importa o brilho da prata.

Não causa surpresa a emergência do prateado em *O espaço pode ser silêncio e pausa* e outras obras recentes de Vieira Conceição. A cor é não apenas constante, é mesmo um elemento chave de sua obra. Uma certa paleta cromática dá o tom de sua poética. Ela é composta por cores historicamente classificadas como primárias e secundárias, apresentadas em tons puros, no nível máximo de saturação e com luminosidade no ponto de equilíbrio. Esse modo de propagação intensa e vibrante da cor se alterou recentemente. No desdobramento de seu trabalho, o artista avançou na investigação sobre as relações entre cor e luz. Derivado de necessidade e desejo, esse movimento o conduziu ao resplandecer.

Essa estética do luzidio não é, contudo, ingênua ou frivolamente solar. Ela é a luz de uma reflexão poética de cunho crítico, ativa como a arte pode ser, que visa a transformar o mundo. A cor e o brilho são meios estéticos de atração das pessoas. São modos artísticos de ressaltar o

que é comum, banal até, e permanece socialmente invisível. E de transmutar o trivial tijolo em objeto extraordinário.

Para Vieira Conceição, o tijolo de prata é uma declaração de princípios. Metonimicamente, é a sua obra. Ele acredita na potência do tijolo e, mais especificamente, no tijolo de prata. Oxímoro objetual, seu excêntrico artefato opõe-se à cultura da precariedade, ao elogio do improvisado, à gambiarra. E faz fulgurar o que – e, por extensão, quem – é socialmente depreciado, desdenhado. O tijolo também é uma arma. Mas o artista a quer diferente da bala de prata; com brilho sem ressonâncias espirituais e religiosas, seu tijolo recusa soluções miraculosas ainda que efetivas. Suas obras instauram, propõem e convocam um estado permanente de reflexão ativa. Na série Tudo que é sólido desmancha no ar, de 2017, os componentes e estruturas arquitetônicas cintilam discretamente enquanto flutuam entre o desmonte e a iminência de se rearticularem. No tijolo de prata, em O espaço pode ser silêncio e pausa, na obra de Vieira Conceição, sua proposta de incessante desarranjo e reconstrução do real lucidamente reluz.

## brick of silver

roberto conduru

ENG

In the work he has been creating for 25 years, Rommulo Vieira Conceição dialogues with the ideas of the geographer Henri Lefebvre and the historian Michel de Certeau. In *La Production de l'Espace*, from 1974, Lefebvre theorizes about how space is socially produced, leaving up to people to resist its reification and configure environments proper to their ways of life. *L'Invention du Quotidien, 1. Arts de Faire*, book published six years later by Certeau, focuses precisely on the spatial dynamics that people trigger with their cultural practices, daily transforming instituted places. More than thinking about how people reconfigure the places where they live by dealing with the things they find and inventing artifacts, Vieira Conceição artistically rebels against the limitations imposed by the socially institutionalized environment.

Of great breadth, his reflection mobilizes mountains, forests, seas and clouds, as well as roads and cities, domestic and work spaces, cinemas, markets, railway stations and playgrounds, as well as the most varied objects, present in the world around him. Or in very distant contexts, both geographically and historically. It also articulates principles, procedures, and precedents from art, science, and other social spheres. A process that generates works with unusual object configurations, whether unique graphic pieces that oscillate between drawing and photography, or admittedly dysfunctional artifacts and installations.

It was not strange, therefore, for a brick to gain prominence at a certain point in the production process of this exhibition. It

became more than necessary, it became indispensable, urgent, needing to be materialized. A key piece of a work, “O Espaço pode ser silêncio e pausa” [The space can be silence and pause], from 2023, and from this show, which is named after him, this brick is an indication of Vieira Conceição's work.

Ceramic brick is an almost universal category, being used for millennia in different human societies. In Brazil, the six-hole ceramic brick – the type used by the artist – is a common element in civil construction, present in the most diverse buildings across the country. Although it is widespread, its meaning and value vary socially in relation to its visibility. The six-hole brick is worth almost nothing where it is useful, but practically invisible, almost always hidden in buildings that display materials, among other elements, that help to place those who live there at the top of the social hierarchy. Symmetrically, this brick is an indication of the social devaluation of buildings and environments where their visibility is ostensible, as on the margins and outskirts of Brazilian cities; inherent contempt of the process of subalternization of those who inhabit them. However, like all historical artefacts, the ceramic brick has a past and a present, but is open to the future. Structuring, strong, integral and versatile, capable of serving the (re)configuration of the environment of life, the brick holds within itself the possibility of social change.

Brick is not at all exceptional in the work of Vieira Conceição, who has also thought about the tensions between space and place from architecture, exploring elements with constructive, ornamental and symbolic functions. In addition to “O espaço pode ser silêncio e pausa”, see, for example, the series “Através” [Through], carefully, from 2009-2012, “Em suspensão” [In suspension], from 2019, and “O espaço físico

pode ser um lugar abstrato, complexo e em construção” [Physical space can be an abstract, complex and under construction place], installed at the Inhotim Institute in 2021. In any case, although it is commonplace in the world, the six-hole brick is unusual in art (if anything still manages to be inappropriate for the artistic sphere...). Mainly because Vieira Conceição doesn't use an ordinary brick. Its brick is made of silver. As we are in the field of art, with its believable fictions aiming at the truth, what matters less is the intrinsic value of this metal, which is simulated, and more what it means, its sociocultural value. It matters the shine of silver.

It is not surprising that silver appears in “O espaço pode ser silêncio e pausa” and other recent works by Vieira Conceição. Color is not only constant, but also a key element of his work. A certain chromatic palette sets the tone for his poetics. It is composed of colors historically classified as primary and secondary, presented in pure tones, at the maximum level of saturation and with brightness at the balance point. This intense and vibrant mode of propagation of color has recently changed. In the unfolding of his work, the artist advanced in his investigation about the relationship between color and light. Derived from need and desire, this movement led him to radiance.

This aesthetic of the shiny is not, however, naive or frivolously solar. She is the light of a poetic reflection of a critical nature, active as art can be, which aims to transform the world. Color and brightness are aesthetic means to attract people. They are artistic ways of highlighting what is common, even banal, and remains socially invisible. And to transmute the trivial brick into an extraordinary object.

For Vieira Conceição, the silver brick is a declaration of principles. Metonymically, it is his work. He believes in the power of the brick, and more specifically, the silver brick. Objectal oxymoron, his eccentric artifact opposes the culture of precariousness, the praise of improvisation, the gambiarra. And it highlights what – and, by extension, who – is socially depreciated, disdained.

The brick is also a weapon. But the artist wants it different from the silver bullet; with a brilliance without spiritual and religious resonances, its brick rejects miraculous yet effective solutions. His works establish, propose and summon a permanent state of active reflection. In the 2017 series “Tudo o que é sólido desmancha no ar” [Everything that is solid melts in the air], the components and architectural structures discreetly sparkle as they fluctuate between dismantling and the imminence of rearticulating themselves. In the silver brick, in “O espaço pode ser silêncio e pausa”, in the work of Vieira Conceição, his proposal of incessant disarrangement and reconstruction of reality lucidly shines.



**O espaço pode ser silêncio e pausa, 2023**

Instalação

[Installation]

210 x 180 x 80 cm





**Em suspensão**, 2019  
Instalação  
[Installation]  
230 x 400 x 130 cm





**Rommulo Vieira Conceição**

Entre o espaço que eu vejo e percebo, há o plano, #09, 2015-2016

Fotografia

117 x 171 x 8 cm





**Série Entre o espaço que eu vejo e percebo, há o plano #04, 2015-2016**

Fotografia

[Photography]

117 x 171 x 8 cm



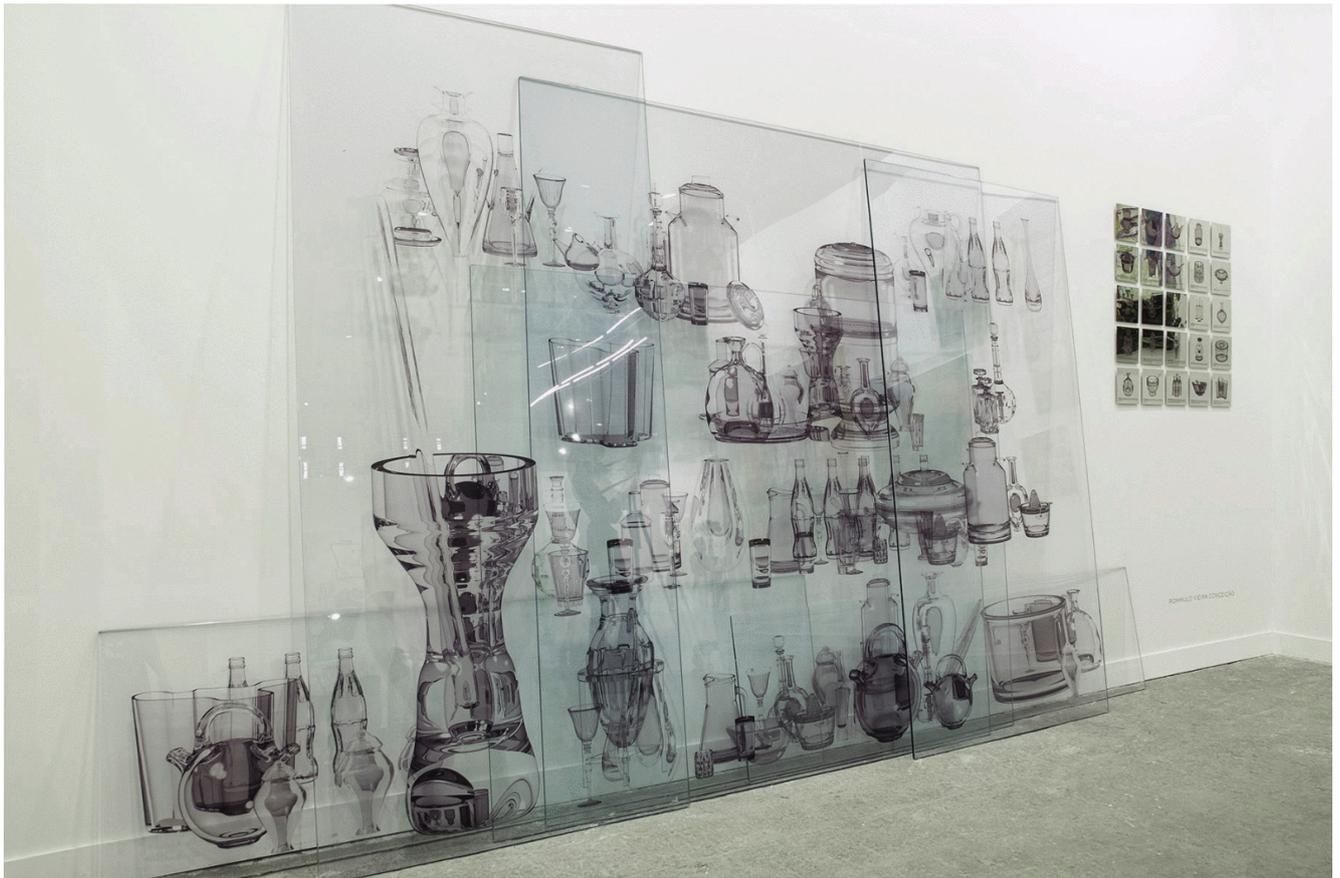
**Série O espaço pode ser uma metáfora em construção, 2023**

Fotografia

[Photography]

117 x 171 x 12 cm





**Quando a posição define o espaço social, sendo objeto contingente dessa posição**, 2021 Instalação (desenho sobre vidro), 6 placas de vidro  
[Installation (drawing on glass), 6 glass plates]  
200 x 400 x 90 cm





**Série A qualidade do espaço é um atributo a ser conquistado, 2023**

Vidro e acrílica sobre papel vegetal  
[Glass and acrylic on tracing paper]  
50 x 80 cm [cada]





**A conquista do espaço requer estratégias, 2023**

Vidro e acrílica sobre papel vegetal

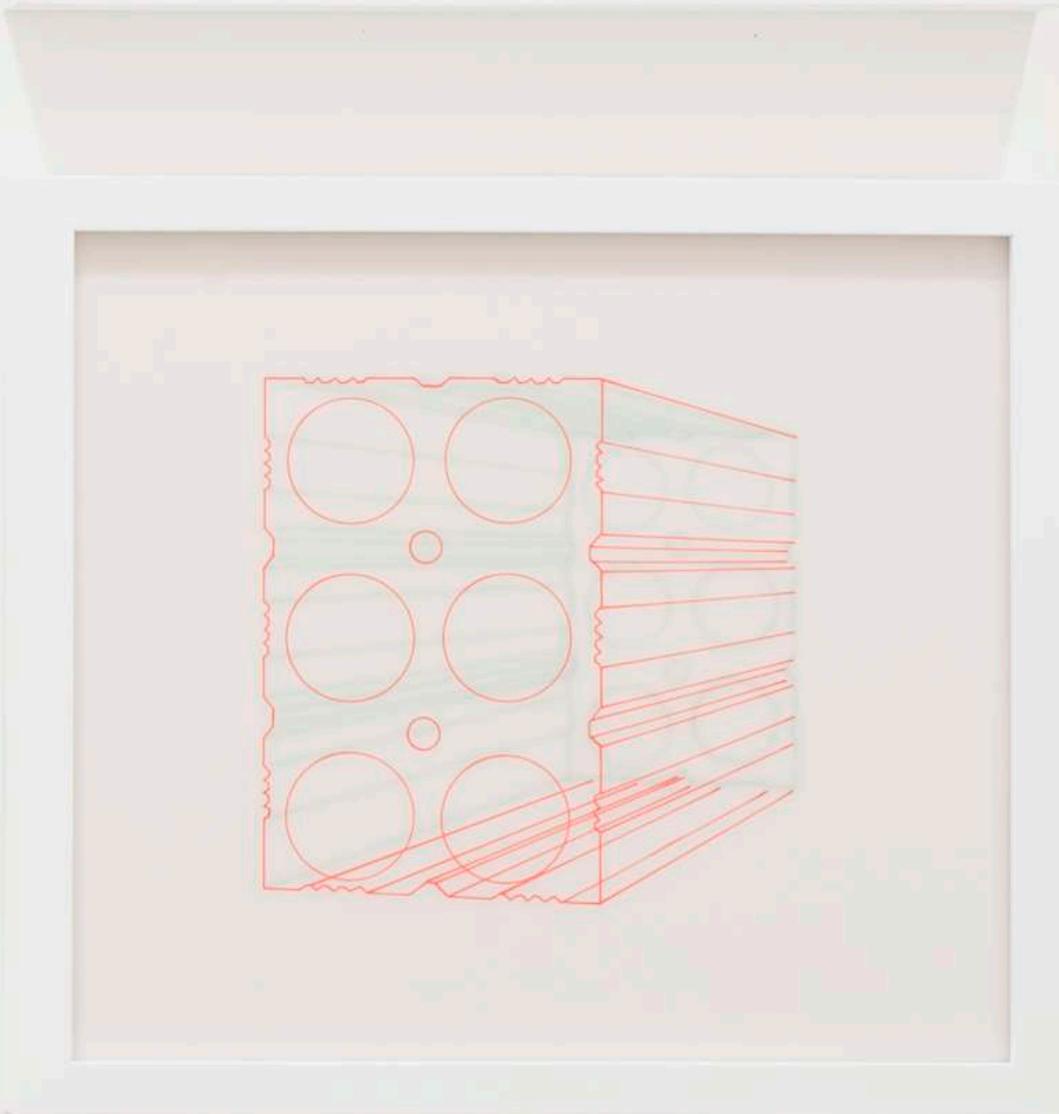
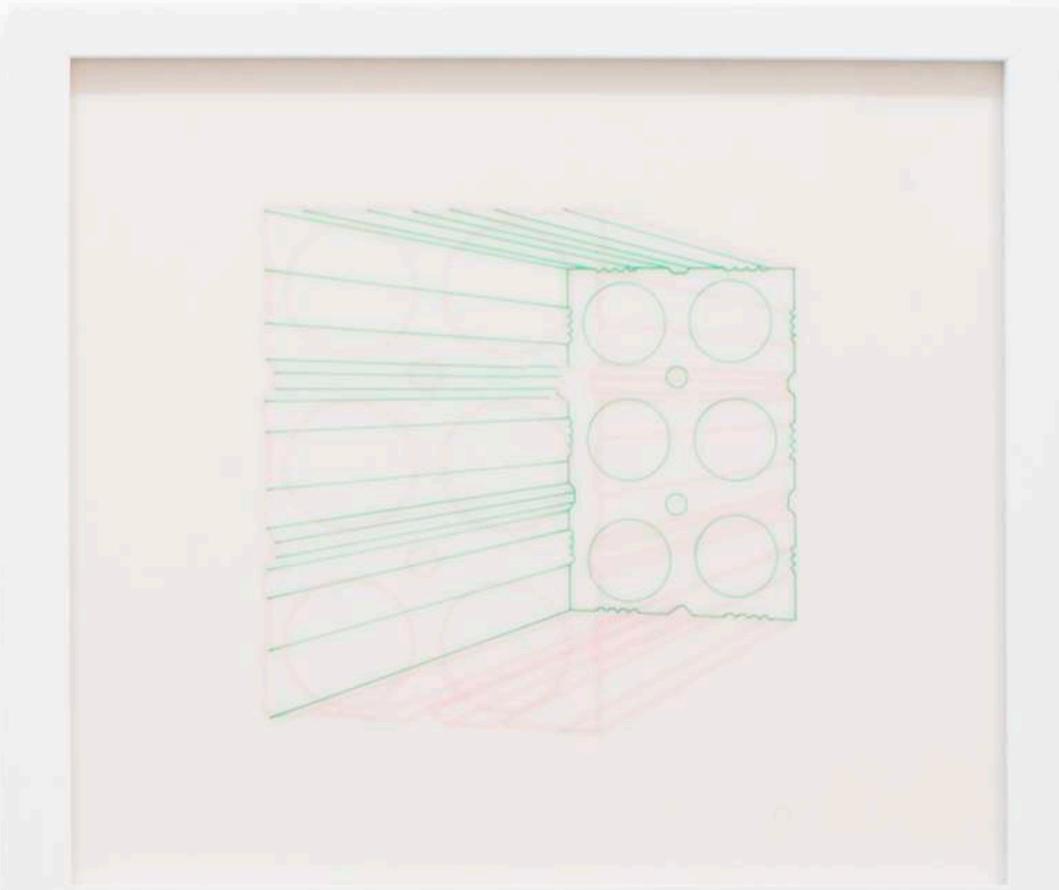
[Glass and acrylic on tracing paper]

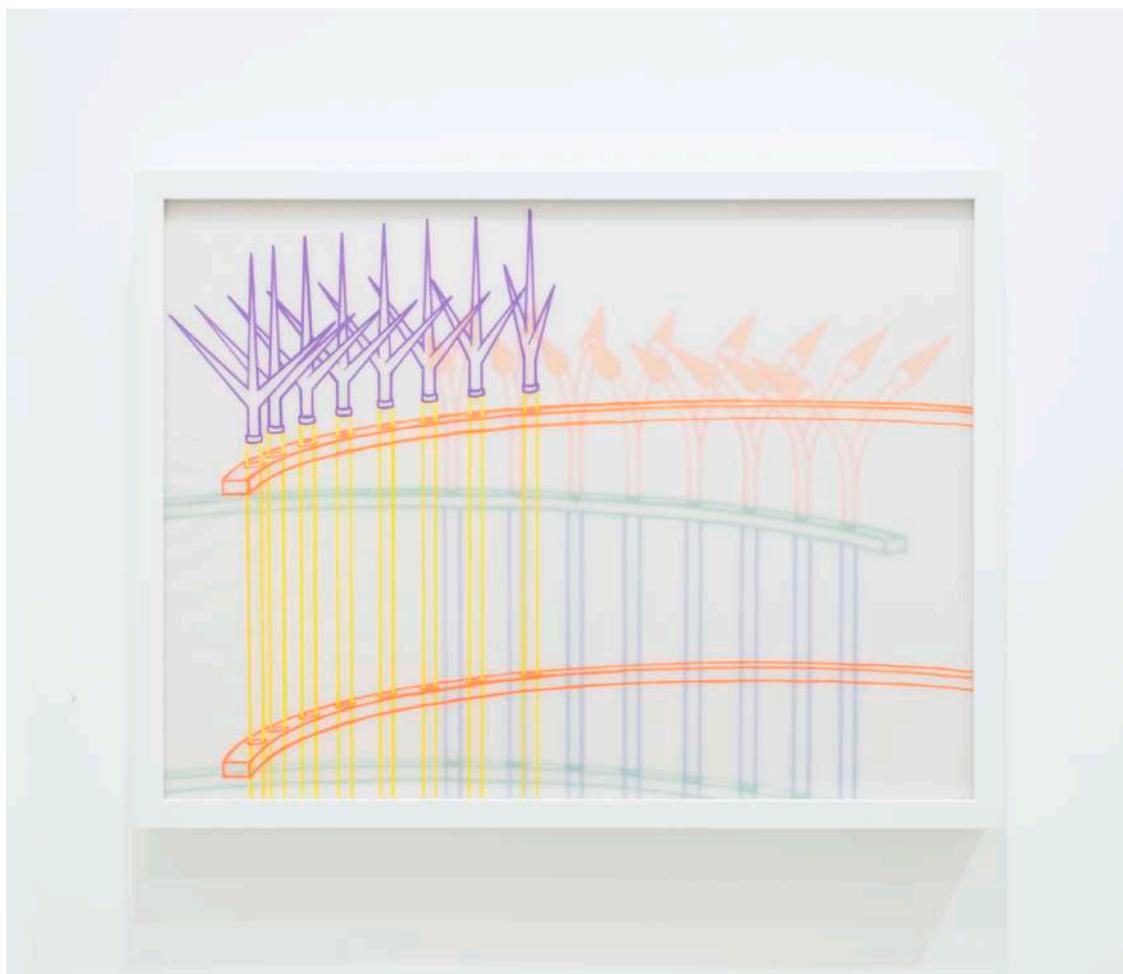
68 x 90 cm



**Tijolo de prata, 2023**

Vidro e acrílica sobre papel vegetal  
[Glass and acrylic on tracing paper]  
36 x 40 cm [cada]





**Ciranda - a construção do espaço em comunidade, 2023**

Vidro e acrílica sobre papel vegetal  
[Glass and acrylic on tracing paper]  
48 x 63 cm



**Sem título, da série Desenhos nuvens, 2022**

Vidro e acrílica sobre papel vegetal  
[Glass and acrylic on tracing paper]

33 x 150 x 5 cm



**Sem título, da série Desenhos nuvens, 2022**

Vidro e acrílica sobre papel vegetal

[Glass and acrylic on tracing paper]

70 x 146 x 5 cm



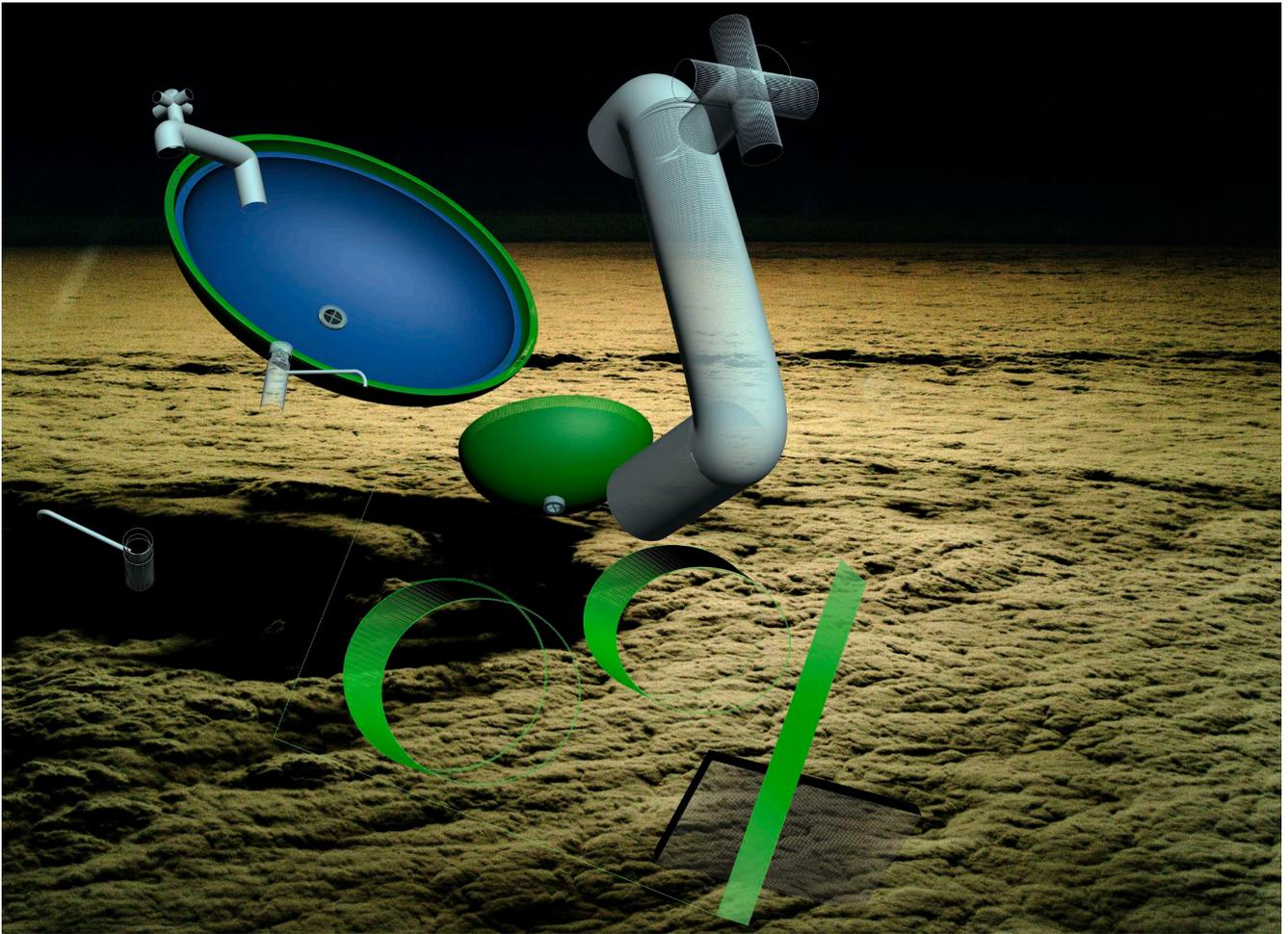


**Sem título [da série Desenhos nuvens], 2022**

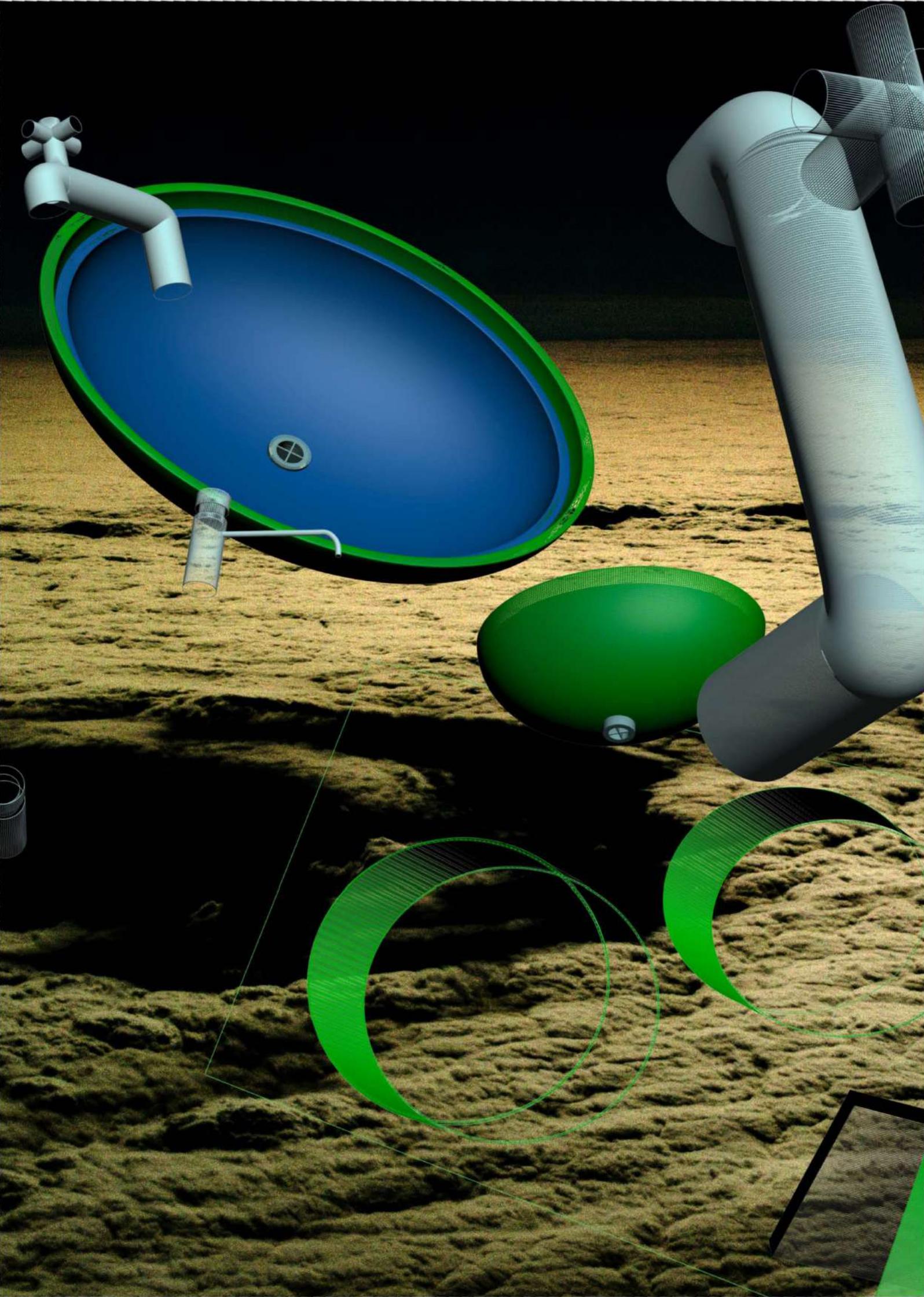
Vidro e acrílica sobre papel vegetal

[Glass and acrylic on tracing paper]

59 x 126 x 5 cm



**Série Tudo que o que é sólido desmancha no ar #04,**  
2017 Desenho e fotografia, impressão sobre inox  
[Drawing and photograph, print on stainless steel]  
95 x 130 cm





**Série Tudo que o que é sólido desmancha no ar #13, 2017**

Desenho e fotografia, impressão sobre inox

[Drawing and photograph, print on stainless steel]

58 x 90 cm



**Série Tudo que o que é sólido desmancha no ar #16, 2017**

Desenho e fotografia, impressão sobre inox

[Drawing and photograph, print on stainless steel]

58 x 90 cm

## **rommulo vieira conceição**

salvador, 1968.

vive e trabalha em porto alegre.

Levando em conta o conceito de espaço físico, Rommulo Vieira Conceição problematiza as categorias de moderno e contemporâneo partindo da distinção entre espaço e lugar. Lugares são historicamente identificados segundo a atividade exercida em cada um deles. Mas, na medida em que o mundo globalizado atravessa um processo de complexificação das relações econômicas e de trabalho, Rommulo coloca em xeque a transformação do lugar em espaço abstrato. Se a modernidade foi dominada por uma obsessão funcional, o artista mobiliza espaços com vocação à permanência e à disfuncionalidade. São arcos que não sustentam nada, janelas que dão em lugar nenhum. O espaço é permanente, mas o tempo guarda fugacidade. Investigar o espaço público é questionar sobre quem, afinal, viveu o espaço moderno.

Artista participante da 35ª Bienal de São Paulo, Rommulo tem trabalhos em coleções públicas relevantes, como as do Inhotim, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Centro Cultural de São Paulo (CCSP) e do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP). Participou de exposições dentre as quais destacam-se: "Rumos Itaú Cultural" (edição de 2006), "Agora/Ágora" (Santander Cultural/Porto Alegre, 2009, Porto Alegre), "Dos Brasis: Arte e pensamento negro" e a 8ª e 10ª edições da Bienal do MERCOSUL. Entre 2017 e 2018, participou da exposição "Axe Bahia: The Power of Art in an Afro-Brazilian Metropolis" (Fowler Museum, 2018, Los Angeles).

# rommulo vieira conceição

salvador, 1968.

lives and works in porto alegre.

Taking into account the concept of physical space, Rommulo Vieira Conceição problematizes the categories of modern and contemporary, starting from the distinction between space and place. Places are historically identified according to the activity carried out in each of them. But, as the globalized world goes through a process of complexification of economic relations, Rommulo calls into question the transformation of place into abstract space. If modernity was dominated by a functional obsession, the artist mobilizes spaces with a vocation for permanence and dysfunctionality. They are arches that support nothing, windows that lead nowhere. Space is permanent, but time is fleeting. To investigate the public space is to question who, after all, lived the modern space.

Artist participant of the 35th Bienal de São Paulo, Rommulo has works in public collections such as Inhotim, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Centro Cultural de São Paulo (CCSP) and the USP Museum of Contemporary Art (MAC-USP). He participated in exhibitions, among which the following stand out: "Rumos Itaú Cultural" (2006 edition), "Agora/Ágora" (Santander Cultural/Porto Alegre, 2009, Porto Alegre), "Dos Brasis: Art and black thinking" and the 8th and 10th editions of the MERCOSUR Biennial. Between 2017 and 2018, participated of the exhibition "Ax Bahia: The Power of Art in an Afro-Brazilian Metropolis" (Fowler Museum, 2018, Los Angeles).



rommulo vieira conceição

rua da consolação, 2767  
jardins, são paulo/sp  
aura.art.br

GALERIA  
AURA